

Nightwalker

Leonor Parda

14.03.2026 - 17.04.2026

opening | inauguração 13.03.2026 - 18h

Leonor Parda is a contemporary sculptor whose practice investigates the intersections of power, social structures, and the human condition. Working with materials such as steel, concrete, and found objects, her work explores themes of domination, control, and resistance, merging industrial influences with autobiographical elements and fragments of everyday life to create a raw, DIY, and deliberately precarious aesthetic. Her imposing sculptures examine the tension between power and vulnerability, embodying a dialogue between the material and the intangible.

Parda has exhibited nationally and internationally since 2010, including Skeleton Architecture In Extenso (Clermont-Ferrand), Pacto (Galeria Municipal de Almada), Self Will Run Riot (Mala, Lisbon), and 1800 – MEOW – MEOW (Molt, Berlin), as well as Perspectiva 24 (Cerveira International Art Biennial) and Ensaios de uma Coleção (Galeria Municipal do Porto, 2024). In 2019, she founded A Leste in Porto, an independent space for artistic production and critical experimentation.

Leonor Parda é uma escultora contemporânea cuja prática investiga as interseções entre poder, estruturas sociais e a condição humana. Trabalhando com materiais como aço, betão e objetos encontrados, a sua obra explora temas como dominação, controlo e resistência, fundindo influências industriais com elementos autobiográficos e fragmentos da vida quotidiana para criar uma estética crua, DIY e deliberadamente precária. As suas esculturas imponentes investigam a tensão entre poder e vulnerabilidade, encarnando um diálogo entre o material e o intangível.

Parda expõe a nível nacional e internacional desde 2010, incluindo Skeleton Architecture In Extenso (Clermont-Ferrand), Pacto (Galeria Municipal de Almada), Self Will Run Riot (Mala, Lisboa) e 1800 – MEOW – MEOW (Molt, Berlim), assim como Perspectiva 24 (Bienal Internacional de Arte de Cerveira) e Ensaios de uma Coleção (Galeria Municipal do Porto, 2024). Em 2019, fundou A Leste no Porto, um espaço independente de produção artística e experimentação crítica.

KULISHALLE
FREI PORT



Rua dos Caldeireiros 123
4050-140 Porto
Tel.: (+351) 935114157



COM O APOIO



Leonor Parda

Nightwalker

“*Who, surprised and horrified by the fantastic tumult of her drives
(...) hasn’t accused herself of being a monster?*”

writes Hélène Cixous in *The Laugh of the Medusa*.

This question is not a threat but an opening.

It lingers like the shadow of a figure that refuses containment.

Night is the space where such figures appear.

Cruising in search of no object.

Spirited away

through empty streets in dormant cities,

where streetlights dare to compete

with the silver light of the moon.

A woman is not afraid of the dark.

This internalised horror is not ours.

It is in darkness that we give birth.

We are thrilled by this synchronised dance.

The heartbeat dictating the rhythm of our breath

like inner drums of trance.

The shadow side of the globe produces another kind of vision.

When the sun’s authority dissolves into reflection,

the mind connects differently to the unknown.

In this environment, fear crystallises into mental clarity.

The body learns to navigate by partial illumination, by listening as much as seeing.

For the nightwalker, darkness is not absence but medium.

In the work of Leonor Parda, the nightwalker moves through fragmented memories,

with the city stretched out at one’s feet.

Across empty streets, industrial peripheries, and abandoned structures,

pavements emerge alongside the shadow of the subject.

The installation’s dismantled bedframes suspend the promise of sleep.

Beds, objects meant to hold bodies in stillness, appear here reassembled and skeletal.

Released from their domestic script, they become bodies themselves.

A sound circulates through the space.

The two bedframes glow - one red, one blue.

In the dimness, they remain awake, watching,

enacting the monsters we once thought we were.

“*Quem, surpreendida e horrorizada pelo tumulto fantástico dos seus impulsos
(...) não se acusou de ser um monstro?*”

escreve Hélène Cixous em *O Riso da Medusa*.

Esta pergunta não é uma ameaça, mas uma abertura.

Ela permanece como a sombra de uma figura que recusa ser contida.

A noite é o espaço onde tais figuras aparecem.

Cruising em busca de objecto nenhum.

Levadas

por ruas vazias de cidades adormecidas,

onde os candeeiros ousam competir

com a luz prateada da lua.

Uma mulher não teme o escuro.

Este horror interiorizado não nos pertence.

É na escuridão que damos à luz.

Emocionamo-nos com esta dança sincronizada,

o coração ditando o ritmo da respiração,

como tambores internos de transe.

O lado sombrio do globo produz outro tipo de visão.

Quando a autoridade do sol se dissolve em reflexão,

a mente conecta-se de forma diferente ao desconhecido.

Neste ambiente, o medo cristaliza-se em clareza mental.

O corpo aprende a navegar pela luz parcial,

ouvindo tanto quanto vendo.

Para o caminhante noturno, a escuridão não é ausência, mas meio.

No trabalho de Leonor Parda, o caminhante noturno move-se por memórias fragmentadas,

com a cidade estendida aos seus pés.

Por ruas vazias, periferias industriais e estruturas abandonadas,

os pavimentos emergem junto à sombra do sujeito.

As estruturas desarticuladas da instalação suspendem a promessa do sono.

Camas, objetos feitos para sustentar corpos em quietude, aparecem aqui reassembladas e esqueléticas.

Libertadas do seu guião doméstico, tornam-se corpos em si mesmas.

Um som circula pelo espaço.

As duas estruturas iluminam-se — uma vermelha, uma azul.

Na penumbra, permanecem despertas, observando,

encarnando os monstros que outrora julgávamos ser.